

FMS	CPM	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal		
Conceito de Bahia		
Data		
23.03.93		
Caderno	Página	
10	3	
Seção		
Assunto		
Centro histórico		
Restauração		



Dia 30 a cidade tem encontro marcado para ver o passado preservado

TUDO COMEÇOU UM BELO DIA AQUI

A Cidade do Salvador, primeira Capital da América Portuguesa, foi fundada em 1549, pelo Capitão Thomé de Souza, 1º Governador Geral do Brasil, por ordem do rei de Portugal, D. João VI, compreendendo originalmente a área da atual Praça Castro Alves e a Praça Municipal, ampliada ao Norte até o atual largo do Pelourinho.

Na segunda metade do século XVII, a cidade conheceu franco progresso econômico e surgiram magníficas e monumentais construções que lhe asseguraram uma atmosfera de metrópole na rota do Atlântico Sul, como a Igreja e Colégios dos Jesuítas, Santa Casa de Misericórdia, Casa de Câmara e Cadeia, Paço dos Governadores, Mosteiro de São Ben-

colônia de estrangeiros, principalmente ingleses que se instalaram no extremo sul da cidade, mais propriamente no Campo Grande e Corredor da Vitória. Na segunda metade do século XIX, grandes transformações aconteceram: a abertura e pavimentação de vias, rede ferroviária, bonde urbano, Elevador Lacerda, Ladeira da Montanha, cemitérios, rua da Vala (1ª avenida de vale da cidade — atual Baixa dos Sapateiros), Companhia Vale de Queimado (abastecimento de água-chafarizes), primeiras indústrias e vilas operárias. Em 1870, tem início o declínio do Ciclo da Cana-de-Açúcar e o aparecimento de indústrias.

No governo J. J. Seabra (1912/1916) são feitos no-

VELHO CENTRO HISTÓRICO JÁ ESTÁ DE CARA NOVA

A primeira etapa das obras de recuperação do Centro Histórico de Salvador, compreendendo 104 casarões, de um dos maiores conjuntos arquitetônicos coloniais da América Latina, será inaugurado pelo governador Antonio Carlos Magalhães, na próxima terça-feira (dia 30). Através de um convênio entre o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (Ipac) e Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador (Conder), o governo do estado investiu US\$12 milhões de recursos próprios nesta primeira etapa que incluiu obras de restauração, conservação, reconstrução dos casarões e infra-estrutura básica como saneamento e rede de energia elétrica num local onde estes serviços praticamente inexistiam.

Esta primeira etapa das obras foi iniciada em 26 de agosto do ano passado e incluiu 89 imóveis localizados em quatro bairros, localizados nas ruas Leovigildo de Carvalho, Alfredo Brito, João de Deus, Gregório de Mattos, Francisco Muniz Barreto e Inácio Acioli. Os outros 15 imóveis recuperados nesta etapa estão localizados em áreas próximas a estas ruas, sendo que várias foram destinadas às famílias deslocadas de seus endereços originais para a execução das obras.

Segundo o secretário do Planejamento, Ciência e Tecnologia, Waldeck Ornelas, a principal inovação neste projeto de recuperação do casario do Centro Histórico está no fato das obras não terem sido realizadas por unidade, isto é casa por casa, mas sim, por bairros. "Foi uma decisão acertada porque permitiu também orientar o uso e integrar as áreas isoladas", explicou. Os quintais e acréscimos construídos nos fundos dos casarões deram lugar a áreas comuns, transformadas em pátios. Imóveis como o da Rua João de Deus, nº 32 que pertenceu ao presidente da Província da Bahia, nomeado em 1836, Francisco de Souza Paraíso —, e a Rua Gregório de Mattos nº 27, um imenso sobrado do século XVIII, foram recuperados e já podem ser apreciados novamente.

As obras de recuperação do Centro Histórico vão prosseguir, após a conclusão desta primeira etapa, conforme já garantiu o governador Antonio Carlos Magalhães. Neste momento, está em fase de apresentação de propostas a segunda etapa das obras que compreendem dois bairros, entre as Ruas do Paço e do Carmo, num total de 48 casarões, além da escadaria do Paço, que serviu de cenário para o filme "O Pagador de Promessas", Palma de Ouro no Festival de Cannes.

OS PASSOS DE RESGATE DA HISTÓRIA

Na segunda metade do século XVII, a cidade conheceu franco progresso econômico e surgiram magníficas e monumentais construções que lhe asseguraram uma atmosfera de metrópole na rota do Atlântico Sul, como a Igreja e Colégios dos Jesuítas, Santa Casa de Misericórdia, Casa de Câmara e Cadeia, Paço dos Governadores, Mosteiro de São Bento, Convento do Carmo, Convento de S. Francisco, Convento de Santa Tereza, Solar Berquó, Casa dos 7 Candeeiros, Casa das 7 Mortes, Paço do Saldanha, Casa dos Jesuítas, Solar do Ferrão, Solar São Dâmaso, Quinta do Tanque, Alfândega, Igreja da Sé, entre outros. Era apogeu da capital da Colônia, graças à produção agrícola do Recôncavo Baiano e ao movimento intenso de seu porto.

No século XVIII, sua população chegou a 100 mil habitantes e conquistou o título de maior cidade do hemisfério sul, sendo que, em seu porto, circulava mais dinheiro do que em Lisboa. Os melhores artistas foram atraídos para Salvador, enriquecendo os solares e igrejas que hoje constituem o Centro Histórico.

No século XIX, foi inaugurada a sede da Associação Comercial da Bahia, o porto foi ampliado e foi instalada a primeira Escola de Medicina do país e da América do Sul. Surgiu também nesse século vasta

Vala (1ª avenida de vale da cidade — atual Baixa dos Sapateiros), Companhia Vale de Queimado (abastecimento de água-chafarizes), primeiras indústrias e vilas operárias. Em 1870, tem início o declínio do Ciclo da Cana-de-Açúcar e o aparecimento de indústrias.

No governo J. J. Seabra (1912/1916) são feitos novos investimentos na zona sul: surge a Avenida 7 de Setembro, com acesso ao Porto da Barra e bairro da Graça, e é implantada infra-estrutura viária, transporte coletivo e novo conceito de moradia, rede de água e esgoto, áreas de lazer, iluminação. A qualidade de moradia no Centro Histórico é questionada, mas nada é feito para melhorá-la. A desvalorização imobiliária é apontada como principal causa da mudança de ocupação social e o processo de marginalização na área torna-se irreversível. No governo Otávio Mangabeira (1947/1950) surge a perspectiva de ocupação da orla marítima, e construção de avenidas de vale com o direcionamento para novos polos de desenvolvimento; no governo Antonio Carlos Magalhães, inclusive a implantação do Centro Administrativo da Bahia, na Avenida Luiz Viana Filho, são motivos para maior distanciamento do eixo de expansão da cidade para longe do Centro Histórico de Salvador.

OS PASSOS DE RESGATE DA HISTÓRIA

O primeiro passo para a recuperação do Centro Histórico de Salvador foi a vinda da missão da Unesco ao Brasil, em 1966, para realizar um estudo sobre a área chefiada por Michel Parent é recebida pelo então governador Luís Viana Filho e o prefeito Antonio Carlos Magalhães. Algumas medidas são adotadas imediatamente após esta visita, como a criação de uma fundação — a Fundação do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Estado da Bahia (FPAC), posteriormente Ipac — destinada a preservar e restaurar o patrimônio do Centro Histórico.

No primeiro governo Antonio Carlos Magalhães (1970/1974), é iniciada a recuperação do Largo do Pelourinho e da Rua Alfredo

Brito. O Solar do Ferrão, uma das mais extraordinárias obras do conjunto arquitetônico do Centro Histórico, é completamente restaurado nesta época e se torna a sede do Ipac.

Em 1984, o decreto-lei nº 25/37 da Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) é revisto e amplia a área tombada do Centro Histórico. Além da área do Terreiro de Jesus até Santo Antônio Além do Carmo, do Sodré, e da Conceição da Praia, a área tombada passa a incluir a Praça da Sé, Perdões, Adobe, Corpo Santo, Pilar, Barroquinha e São Bento, totalizando 74 hectares, com cerca de 937 imóveis. Em 1988 a Unesco reconhece o Centro Histórico como Patrimônio da Humanidade.